



Gingando frente à patologização da educação: a capoeira angola como prática corporal popular não medicalizante

Fórum sobre medicalização da educação e da sociedade

O presente trabalho pretende expor as possibilidades da Capoeira Angola, uma das manifestações mais significativas da cultura popular afro-brasileira, como potencial prática educativa não-medicalizante. Por ter seu histórico de criação constituído em uma luta de resistência do povo negro frente a uma sociedade escravagista, sofreu influências de diferentes culturas, como a Bantu, que apresenta lógicas educativas diferenciadas das estabelecidas pela cultura ocidental hegemônica. Esta, baseada em relações de poder, atende ao produtivismo construído historicamente, com base nas revoluções francesa e industrial inglesa. A nova produção exacerbada decorrente dessas gerou moldes de padronização individual, levando ao adoecimento da sociedade e dos indivíduos não adaptados a ela. Tal processo se estendeu à educação: a não adaptação aos métodos de ensino-aprendizagem e avaliativos, reduz os indivíduos a transtornos mentais que servem apenas como paliativos, desconsiderando tanto sua individualidade como aspectos históricos, sociais, políticos, estruturais e pedagógicos. O universo simbólico da Capoeira Angola apresenta uma lógica diferenciada de ensino-aprendizagem, baseada na oralidade, não-linearidade temporal, ancestralidade e ritualidade. Tais elementos, que ficam evidenciados na roda de capoeira, permitem um aprendizado que respeita os processos naturais de aprendizagem e desenvolvimento do educando, diferente de grande maioria dos presentes na escolarização, onde o mesmo precisa se adaptar aos moldes estabelecidos. Além dos benefícios físicos, a prática corporal permite liberação da expressividade e criatividade através das movimentações da capoeira e de sua musicalidade; assentamento energético das atividades mentais intensas e contato com o histórico afro-brasileiro, gerando reforço identitário e politização individual. O conjunto de simbologias dessa manifestação, expresso nos treinos como na ritualidade da roda de capoeira contribuem para sua afirmação como prática educativa não medicalizante.

Introdução

O despertador toca para um novo dia de trabalho. Para alguns, às seis da manhã, pois possuem automóveis particulares que facilitam seu deslocamento. Para a grande parte da população, a madrugada se faz companheira para enfrentar a longa espera em transportes públicos lotados ou ineficientes. Passos apressados percorrem as ruas em direção aos trabalhos, contabilizando afazeres e dividindo-os pelas horas do dia: às vezes a equação matemática não é exata. Olhos concentram-se nas mensagens do *whatsapp* e atualizações das redes sociais, esbarrando nos “seres invisíveis” que ocupam as ruas.

As bancas de jornal organizam lado a lado dezenas de livros para colorir anti-stress e manuais de auto-ajuda e reflexões sobre ansiedade. Embora aulas de Yoga e

meditação nunca estiveram tão em voga como na contemporaneidade, os consultórios psiquiátricos nunca foram tão requisitados. O suicídio vira uma epidemia global, aumentando em 60% nos últimos 45 anos e sendo a terceira maior causa de mortes no mundo (PEEBLES, 2015).

Como diria Le Breton (2003), “abandonar-se a seu humor “natural” do dia seria privar-se de recursos preciosos ou se tornar menos competitivo no plano de trabalho ou da vida cotidiana” (p. 56). Tornamo-nos cada vez mais intolerantes às asperezas da vida, buscando paliativos que nos possibilitem uma maior adequação à realidade social (pág. 58).

Esta formação de indivíduos padronizados é construída historicamente, inicialmente com as fragmentações cartesianas, seguidas pelas revoluções do século XIX. A política francesa e a revolução industrial inglesa reforçam o surgimento de relações de produção inéditas, fundadas no abismo entre a acumulação de riquezas burguesa e a opressão operária (VIEGAS & OLIVEIRA, 2014).

A nova lógica de uma sociedade produtivista foi não apenas afirmativa das hierarquias de poder, mas geradora de indivíduos não adaptados às normas sociais vigentes. O adoecimento desses, decorrente da complexidade dessas relações sociais, no entanto, foi reduzido a determinismos biológicos e organicistas, que levam a um processo de patologização individual sem as devidas contextualizações sociais e históricas (FÓRUM, 2013)

Tal processo se estendeu à educação, onde as dificuldades do ensino-aprendizagem se reduzem a transtornos mentais que servem como paliativos frente a dilemas sociais e as próprias estruturas do processo educativo (FÓRUM, 2013)

Quando uma criança apresenta dificuldades no processo de escolarização, a lógica medicalizante, com diagnósticos como Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), por exemplo, se instaura anteriormente ao questionamento da estrutura escolar e do processo pedagógico. Quando enquadramos essas crianças em etiquetas psiquiátricas que as inibem de desenvolver suas potencialidades criativas e emocionais (CCHR, 2010), estamos então desconsiderando tanto seus processos individuais como “aspectos históricos, políticos, econômicos, sociais, pedagógicos, institucionais e relacionais” (VIEGAS, 2014, p. 14).

Para isso, torna-se necessária uma inversão da lógica de culpabilização individual para uma busca de possibilidades de compreensão de todos os envolvidos no processo de aprendizagem, a fim de ampliar as intervenções e ações escolares (FÓRUM, 2013), como não escolares.

A capoeira, uma das mais significativas manifestações da cultura corporal popular afro-brasileira, foi constituída no processo de luta de um povo escravizado frente a um sistema hegemônico opressor. Suas vertentes diferenciam-se entre a Capoeira de Angola, que tem Vicente Ferreira Pastinha (1889 - 1981), o Mestre Pastinha, como um dos seus maiores representantes e é considerada pelos adeptos de suas diferentes linhagens como a vertente que preservou mais características tradicionais; e a Capoeira Regional, criada por Manuel dos Reis Machado (1899- 1974), o Mestre Bimba, que sofreu críticas de descaracterização da Capoeira tradicional pela introdução de golpes de artes marciais, tendendo a uma esportivização e comercialização da mesma. Não cabe aqui, neste momento, ressaltar os processos históricos que levaram a tais diferenciações e críticas, mas sim evidenciar o potencial da capoeira como prática corporal não medicalizante. Em virtude disso, será abordada a Capoeira Angola, tanto pelo fato de a autora ser praticante da mesma como por considerar que suas peculiaridades podem proporcionar uma maior estimulação da criatividade, diálogo corporal, ludicidade e diminuição da competitividade, de acordo com Veronesi e Moré (2009).

A Capoeira de Angola, portanto, possui uma concepção não linear de tempo e se constitui em uma lógica de ensino-aprendizagem diferenciada da hegemônica, baseada em processos de oralidade, ritualidade e ancestralidade (ABIB, 2004). É apresentada como uma possibilidade geradora de compreensões de interseções entre aspectos culturais, sociais e educativos tecidos através da *corporeidade*¹ e de seu vasto universo simbólico. Por possuir em sua estrutura uma linguagem própria de comunicação e educação (CASTRO JUNIOR, 2003), configura-se em um exuberante acervo de informações, que constituem uma riqueza de simbologias e movimento de resistência das classes populares (FALCÃO, 1991).

A oralidade e ritualidade presentes na Capoeira Angola abrigam saberes significativos que remetem a uma ancestralidade onde residem importantes aspectos referentes ao processo histórico e identitário das camadas subalternas da sociedade brasileira (ABIB, 2004).

Além das representações levantadas pela *corporeidade*, evidenciam-se ainda as cantigas de capoeira, outra marca expressiva das simbologias, que têm uma variedade de finalidades e conotações podendo se referir ao contexto social, através da presença de idéias de moralidade, desafio, alerta, guerra, submissão, justiça social, dentre outras (SAMPAIO & TAVARES, 2007).

O emprego do termo *corporeidade* é entendido neste trabalho segundo Le Breton (2007), que a compreende como fenômeno social e cultural, motivo simbólico, objeto de representações e imaginários. É através dela que o ser humano faz do mundo a extensão de sua experiência.

Devido a esta identificação polissêmica (FALCÃO, SANTANA DA SILVA & ACORDI, 2005) a prática de capoeira apresenta amplas possibilidades como ferramenta educativo-pedagógica, além de envolver aspectos físicos, motores, musicais, sociais, folclóricos, ritualísticos e filosóficos (PALHARES, 2007), possui a capacidade de trabalhar valores morais como auto estima, respeito pelo outro, solidariedade e auto-superação (ABIB, 2005).

Diante do apresentado, é possível estabelecer conexões entre seu histórico de criação em um sistema escravagista, com a realidade social dos regimes político-econômicos atuais (VERONESI & MORÉ, 2009), nos quais a capoeira pode ser vista como uma estratégia de resistência política e social e como sobrevivência psicossomática a um sistema que nos escraviza a moldes e padronizações de processos de disciplinarização que vêem o ser humano como mercadoria (VERONESI & MORÉ, 2009).

Os antigos mestres ensinavam “pegando pela mão” (ABIB, 2004), simbolizando uma maior proximidade na relação educador-educando. Aprendiam inicialmente por “Oitiva”, ou seja, sem método ou pedagogia, onde observavam o desempenho de seus mestres nas rodas de capoeira realizadas nas ruas para depois se apropriarem dos movimentos na prática, constituindo exemplo claro da transmissão do conhecimento baseada na oralidade (ABIB, 2004).

Posteriormente, mesmo com uma tendência da capoeira adentrar espaços fechados de academias, seus princípios de aprendizagem pela observação direta, diálogo corporal e aprendizados orais permaneceram. Além dos benefícios já evidenciados acima em trabalhos diversos, é importante destacar alguns apontamentos práticos que podem fazer dessa expressão cultural afro-brasileira uma prática educativa não medicalizante. Veronesi & Moré (2009) destacaram o desenvolvimento da musicalidade; a movimentação e expressão corporal; o efeito *grounding*; trabalho sobre o olhar, voz, expressão da agressividade e opção como estratégia política. A interação com instrumentos e aprendizagem de ladainhas e corridos, músicas entoadas na roda de capoeira, permitem a aprendizagem de fatos históricos de uma maneira possivelmente

mais interessante do que as aulas ministradas regularmente em salas de aula padronizadas. Segundo Ângelo Augusto Decânio Filho, o Mestre Decânio, o ritmo conferido pela orquestra de instrumentos da capoeira o permite ser conduzida quase que espontaneamente pela estimulação rítmico melódica (ABIB, 2004). Assim, a expressão criativa e a concentração do educando fluem naturalmente, fato não comumente observado em aulas sistematizadas e padronizadas no espaço educativo escolar.

A liberação da expressividade através da movimentação da ginga, (movimento base de onde todos os golpes da capoeira se originam) e da ludicidade, teatralidade e mandinga² que compõem o jogo da Capoeira Angola também contribuem para modos de expressão artística, inventiva, criadora, questionadora, que muitas vezes não é possível de ser representada em trabalhos e avaliações escolares. Essa carência de elementos educativos advém em grande parte dos moldes ocidentais de educação, estabelecidos em uma lógica de tempo que difere substancialmente da lógica africana, e logo, da afro-brasileira. Na cultura bantu, existe uma unificação entre as concepções de tempo e espaço: o movimento de cada ser existente é individualizado e distinguido dos precedentes e dos seguintes, sendo único nos movimentos possíveis e imagináveis (ABIB, 2004). O importante é o tempo *disso* ou *daquilo*, sendo determinado por certo evento, sendo o *tempo deste evento* (ABIB, 2004). Segundo esta visão, o tempo para aprender capoeira Angola não é maior nem menor do que o seu próprio tempo de aprendê-la. Tal visão respeita os processos naturais de aprendizagem do educando contribuindo para o livre fluir de seus potenciais.

O efeito *grounding* corresponde ao processo de aterramento que possibilita um reequilíbrio do excesso de energia gasto através de intensa atividade mental, conferido pela repetição dos movimentos da Ginga e a variação da base de sustentação do corpo através de seus cinco pontos de apoio: pés, mãos e cabeça (VERONESI & MORÉ, 2009).

A agressividade pode ser manejada e trabalhada como propósito de defesa à exposição e ao enfrentamento em uma roda de capoeira, sem, no entanto, acumulá-la como violência (VERONESI & MORÉ, 2009).

Além disso, o contato com os ensinamentos da africanidade que permeiam o universo simbólico da Capoeira Angola contribuem para o reforço identitário e sentido de pertencimento do praticante, visto que a Capoeira possui um alto senso comunitário.

Por fim, a Roda de Capoeira Angola concentra todos esses elementos: nela o Capoeirista, ao se agachar ao pé do berimbau, entra em contato com a ancestralidade ao “pedir a benção” para iniciar o jogo e escutar o lamento entoado pela ladainha, cantiga que precede o cântico que dará início ao jogo de capoeira; é nela que conversa corporeamente com seu “camarada” ou adversário, com olhar atento para, maliciosamente, esquivar dos golpes no momento certo e saber aplicar outros no momento preciso. Essa ritualidade contém ensinamentos profundos que se podem levar da roda de capoeira para a “Roda da Vida”.

²Segundo Luis Renato Vieira, “o termo mandinga designa tanto a malícia do capoeirista durante o jogo, fazendo fintas, fingindo golpes e iludindo o adversário, preparando para um ataque certeiro, quanto também uma certa dimensão sagrada, um vínculo do jogador da capoeira com o Axé, a energia vital e cósmica para as religiões afro-brasileiras. Assim, questiono: seria necessária a etiquetagem de “mercadorias” humanas como hiperativas e com dificuldades de atenção, quando podemos utilizar recursos que sejam mais interessantes ao educando e que permitam seu expressar natural contido? Ou com fobia social, quando talvez apenas necessitem um diálogo mais expressivo facilitado pela corporeidade e por “olhos nos olhos”? Ou de portadores de Transtorno de Ansiedade Generalizada (TAG), quando poderiam realizar atividades que permitam liberar suas angústias?

Objetivos

Realizar uma Roda de Capoeira Angola durante o I Fórum Internacional de Medicalização da Educação, como proposta de prática corporal não medicalizante.

Metodologia

A roda será realizada nas imediações do espaço de realização do evento, com duração de 15 minutos conforme as regras propostas pela organização. Será composta por uma bateria de instrumentos que tradicionalmente compõem os rituais da roda: três berimbaus, dois pandeiros e um atabaque. Capoeiristas de Salvador serão convidados para compor a bateria e a roda, somando como instrumentistas e jogadores. Os participantes do evento serão convidados a integrarem a roda.

Resultados Esperados

Com a exposição desse trabalho através da Roda de Capoeira Angola, espera-se contribuir para a reflexão das possíveis contribuições dessa arte-luta afro-brasileira no processo educativo não-medicalizante de jovens e adultos.

Conclusão

Mestre Pastinha já dizia: “A Capoeira Angola só pode ser ensinada sem forçar a naturalidade da pessoa. O negócio é aproveitar os gestos livres e próprios do aluno. Ninguém luta do meu jeito, mas no deles há toda a sabedoria que aprendi. Cada um é cada um” (FREIRE *apud* MAGALHÃES, 2009). Assim, a Capoeira Angola, sobretudo fruto da luta pela liberdade de um povo oprimido, representa uma manifestação cultural afro-brasileira que possui uma lógica diferenciada de ensino-aprendizagem, respeitando o tempo e o desenvolvimento natural de cada aprendiz. Diferente dos modos ocidentais de padronização de ensino, permite ao praticante desenvolver seu potencial criativo conforme sua “ginga”, seu corpo, seu tempo, através de movimentos corporais, musicalidade, contato com a ancestralidade e história da cultura afro-brasileira. Sem a necessidade da produção de resultados imediatos, que reproduzem estruturas de um sistema hegemônico opressor, é reforçada a não necessidade de enquadramento psiquiátrico dos educandos. Como dizem os saberes populares, “A arte salva a vida: Não existe nada que uma boa roda de capoeira não possa curar”.